

Universidade de Brasília — UnB

Instituto de Letras — IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas — LIP

LETÍCIA TELES DO NASCIMENTO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM DUAS DÉCADAS: METALINGUAGEM,
PROPOSIÇÃO E APLICAÇÃO AO ENSINO**

BRASÍLIA

2024

LETÍCIA TELES DO NASCIMENTO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM DUAS DÉCADAS: METALINGUAGEM,
PROPOSIÇÃO E APLICAÇÃO AO ENSINO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo curso de Letras Português e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

BRASÍLIA

2024

À minha amada Eduarda, pela paciência, amor, ajuda e apoio incondicional ao longo de toda essa jornada.

À minha mãe, que sempre acreditou no meu potencial e me incentivou a estudar.

Aos meus irmãos, Lucas e Erivan, por sempre me incentivarem a ser melhor.

À minha família, que acreditou tanto em mim e sempre reconheceu o meu esforço em chegar até aqui.

Aos meus amigos, pelo apoio emocional e compreensão durante os momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, por me ajudar ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

À minha orientadora, pelo exemplo de ser humano e de educadora e pela tranquilidade que me passou durante as orientações.

Aos professores, que através dos seus ensinamentos permitiram que eu pudesse hoje apresentar um melhor desempenho no processo de formação.

Aos meus amigos de graduação, especialmente, ao Anderson, à Emilly, à Júlia, à Kamylla, à Lorena, ao Marcello, à Rafaela e ao Valmir, pela força e compreensão que tiveram comigo nessa jornada linda de nossas vidas.

RESUMO

Este trabalho busca entender como a abordagem da variação linguística evoluiu no contexto educacional brasileiro entre os anos 2000 e 2020, investigando de que forma o tema vem sendo tratado em pesquisas acadêmicas, documentos oficiais e materiais didáticos. Para isso, analisamos obras de autores como Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo e Carlos Faraco, além de documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com base nesse levantamento, identificamos uma mudança relevante na forma como a variação linguística é abordada no país, observando um movimento gradual em direção a uma pedagogia mais inclusiva, que reconhece a pluralidade da língua portuguesa e combate o preconceito linguístico. Objetiva-se também observar que a escola tem um papel fundamental na desconstrução de preconceitos e na valorização da diversidade linguística, promovendo um ensino que respeite as identidades culturais dos alunos. Para que isso aconteça de maneira eficiente, é essencial que os professores tenham uma formação adequada, capacitando-os a tratar o tema de forma crítica e prática em sala de aula. As referências básicas deste estudo são: Mollica (2003; 2010), Bagno (2002; 2007; 2013), Bortoni Ricardo (2004; 2005), Faraco (2008; 2015; 2017; 2020), entre outros.

Palavras-chave: variação linguística; preconceito linguístico; educação linguística.

ABSTRACT

This study examines the evolution of approaches to linguistic variation in Brazilian education from 2000 to 2020, focusing on how the topic has been addressed in academic research, official documents, and teaching materials. The analysis includes works by scholars such as Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, and Carlos Faraco, as well as documents like the National Curriculum Parameters (PCNs) and the National Common Core Curriculum (BNCC). The findings reveal a significant shift toward a more inclusive pedagogy that acknowledges the plurality of the Portuguese language and combats linguistic prejudice. The study also emphasizes the critical role of schools in dismantling prejudices and promoting linguistic diversity, ensuring that teaching practices respect students' cultural identities. For this to be effective, it is essential that teachers receive appropriate training, equipping them to address linguistic variation critically and practically in the classroom. The basic references of this study are: Mollica (2003; 2010), Bagno (2002; 2007; 2013), Bortoni Ricardo (2004; 2005), Faraco (2008; 2015; 2017; 2020), among others.

Keywords: linguistic variation; linguistic prejudice; linguistic education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tira Chico Bento	9
Figura 2 - Etapas da pesquisa bibliográfica	11
Figura 3 - Preconceito linguístico e ensino da variação linguística	28
Figura 4 - Exercício proposto	29
Figura 5 - Questões propostas	29
Figura 6 - Exercício proposto	30
Figura 7 - Questões propostas	30
Figura 8 - Variedade linguística - livro didático	32
Figura 9 - Variação linguística - livro didático	33
Figura 10 - Variação linguística - livro didático	38
Figura 11 - Variação linguística - livro didático	39
Figura 12 - Variação linguística - livro didático	40
Figura 13 - Gráfico Metalinguagem	42
Figura 14 - Gráfico Proposição	42
Figura 15 - Gráfico Aplicação	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Eixo da produção de textos	16
Quadro 2 - Eixo da oralidade	17
Quadro 3 - Competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental	17
Quadro 4 - Língua portuguesa - 3º ao 5º ano	18
Quadro 5 - Língua portuguesa - 6º ao 9º ano	18
Quadro 6 - Língua portuguesa - 8º e 9º anos	19
Quadro 7 - Habilidades	20
Quadro 8 - Todos os campos de atuação social	21

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	9
2	FUNDAMENTOS TEÓRICOS	12
2.1	SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL	12
2.2	DIRETRIZES EDUCACIONAIS NACIONAIS	14
3	TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA POR DÉCADAS	23
3.1	DÉCADA DE 2000 A 2010	23
3.1.1	METALINGUAGEM	23
3.1.2	PROPOSIÇÃO	25
3.1.3	APLICAÇÃO	26
3.2	DÉCADA DE 2010 A 2020	31
3.2.1	METALINGUAGEM	31
3.2.2	PROPOSIÇÃO	32
3.2.3	APLICAÇÃO	33
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	44

1 APRESENTAÇÃO

A situação em relação à variação no Brasil é complexa: temos uma fala diferente do que temos na escola, a norma-culta é algo estrutural, sendo cobrado de forma excessiva no ambiente escolar. Após algumas leituras e observações sobre o tema, como letranda e futura professora, decidi trabalhar e pesquisar sobre o ensino e variação, atuando na área denominada de variação socio-educacional.

Não é defendido que a norma padrão deve deixar de ser lecionada, sem dúvida ela necessita ser ensinada, sendo defendida a importância do conhecimento da sociolinguística educacional de modo que os docentes e discentes possam conviver com as diferenças da fala.

A variação é tratada nas escolas de formas superficiais, por exemplo, em diversos livros didáticos quando abordam o tema “variação linguística” sempre apresentam uma tira do Chico Bento, mas está muito longe de representar a realidade.

Figura 1 - Tira Chico Bento



Fonte: <https://pseudolinguista.blogspot.com/2014/05/voce-fala-igualzinho-ao-chico-bento-e.html>

Com base no que é apresentado em livros didáticos e ensinado nas escolas, decidi escrever sobre o tema para compreender como a variação e o ensino começam a ser citados por linguistas e como o ensino da variação linguística é aplicado ou como deveria ser aplicado.

Especificamente, a motivação para a escolha do tema deu-se em razão de algumas observações realizadas durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, que ocorreu em uma escola na Ceilândia/DF. Alí, percebi como o ensino que prioriza a variedade culta da língua portuguesa em relação as demais, pode levar

o desenvolvimento do preconceito linguístico, em virtude do desconhecimento da temática. Por meio de algumas observações sobre a língua portuguesa, pude perceber como a variação linguística era tratada em sala e como a ausência desse tema era presente no âmbito escolar.

A pesquisa do trabalho em questão será a partir de pesquisa bibliográfica, na qual é possível utilizar, livros, artigos, teses e dissertações. Serão utilizados materiais regatados de repositório de universidades e alguns livros que abordam os aspectos analisados durante o decorrer da pesquisa.

A curiosidade do estudo teve como base alguns questionamentos criados por mim durante a minha vida acadêmica como aluno e graduanda de Letras - Português. Justifica-se pela importância que os materiais têm para o ensino escolar e a formação continuada dos professores para a educação brasileira.

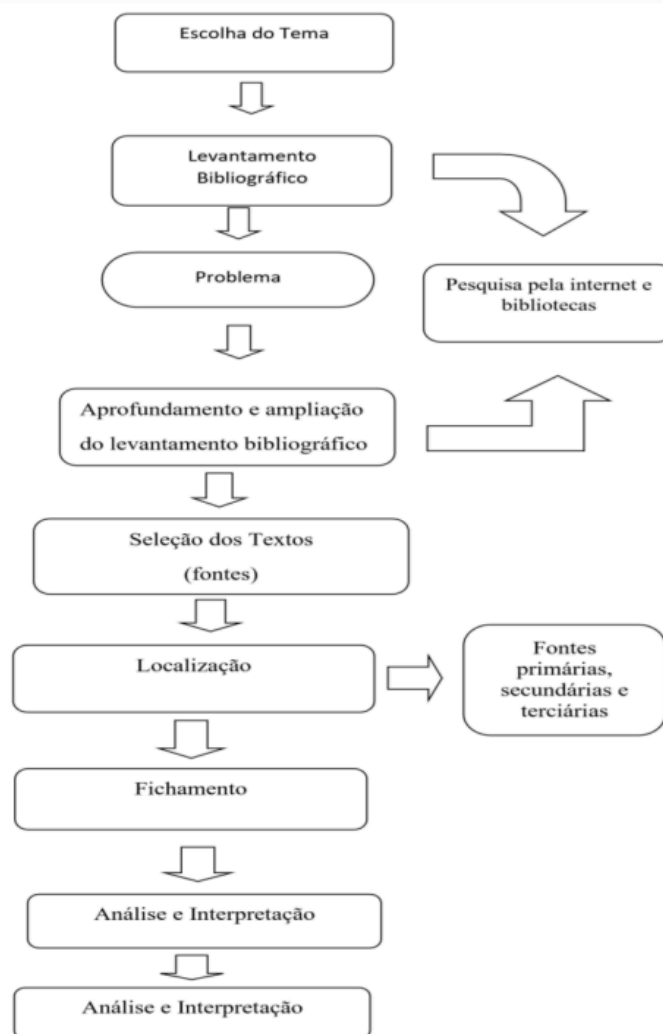
Para Bagno (2008), o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre *língua* e *gramática normativa*. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Tem-se um preconceito estruturado no Brasil, dessa forma, alguns brasileiros acreditam que “não sabem português”, que “português é muito difícil” ou que a língua falada aqui é “toda errada”, por ser imposto, mesmo que indiretamente, uma forma “certa” de falar, é criada essa visão preconceituosa com as falas que fogem à norma-culta.

De uma perspectiva diacrônica, o termo na linguística refere-se ao estudo da evolução das línguas ao longo dos séculos. Com base nesse entendimento, a pesquisa terá como objetivo tratar a evolução do tratamento da variação nas obras paradigmáticas sobre variação nos materiais da área de linguística, sociolinguística e variação. De forma geral, serão analisadas as concepções de variação linguística, como o assunto é abordado em sala de aula, a variação dos anos de 2000-2020, as propostas sobre o assunto e as aplicações, uma vez que algumas dessas proposições são somente citadas e outras são aplicadas no âmbito escolar. E, além disso, discutir como tais concepções são importantes para a sociolinguística educacional, pois

Como é sabido, há alguns anos, Brasil, a variação linguística simplesmente não existia como objeto de ensino. Para a maioria dos professores de Português, o principal papel da escola era “enquadrar” os alunos na norma-padrão da língua portuguesa, um modelo idealizado de “língua certa”. Assim, esses professores limitavam (e ainda hoje limitam) as aulas de Português ao ensino de gramática normativa, nas quais a sua função era (é) corrigir o “português errado”, além de ensinar nomenclatura gramatical e análise gramatical, descontextualizadas, sem utilidade prática evidente. (Dias, 2011, p. 1)

Durante a exploração do tema, será feita apresentação clara dos dados obtidos e uma análise crítica para contribuir com novos conhecimentos e perspectivas com essa visão de pesquisa. Em circunstâncias de retorno de uma paralisação docente no primeiro semestre do ano de 2024, o tempo é exíguo para finalizar a pesquisa iniciada anteriormente. A partir do gênero acadêmico, onde se enquadra a pesquisa, o tema será contemplado de forma profunda, direta e abrangente acerca da temática.

Figura 2 - Etapas da pesquisa bibliográfica



Fonte: Sousa *et. al.* (2021).

Pesquisar sobre variação linguística nos dias atuais é essencial, pois é ensinado nas escolas de formas rasas e sem aprofundamento. Com isso, proponho analisar alguns materiais coletados em repositório das universidades, principalmente UnB e UFG, alguns livros de figuras importantes para o estudo de variação linguística. De forma comparativa, os materiais

serão analisados com base nas respectivas décadas, exemplificando de modo geral, específico e aplicações/propostas.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

A Sociolinguística surgiu nos últimos anos da década de 60, principalmente com as pesquisas de William Labov, linguística norteamericano que enxergou um princípio básico, o de que a língua sofre variações e deve ser vista e analisada segundo a sua relação com a sociedade que a utiliza. Labov (1972) diz que a variação linguística compreende duas ou mais formas diferentes de se dizer a mesma coisa, acredita que não é necessário intervir no ensino e no modo de escrever e falar do aluno, desconsiderando, assim, o valor sociossimbólico das regras variáveis.

Dentro dessa variedade tem-se alguns tipos com características específicas, por exemplo:

- Variação diatópica (geográfica): comparação entre os modos de falar em lugares diferentes;
- Variação diastrática (social): comparação entre os modos de falar de diferentes classes sociais;
- Variação diamésica: comparação entre a língua falada e a língua escrita;
- Variação diafásica (estilística): uso diferenciado que os falantes fazem da língua;
- Variação diacrônica (histórica): comparação em nível de história da língua;

Tem-se a Sociolinguística como uma área que estuda a língua na sua forma mais realista, como ela se apresenta na sociedade e como essas manifestações linguísticas se relacionam com os aspectos sociais e culturais de uma determinada sociedade ou recorte social. Dentro dessa área da linguística, temos a sociolinguística educacional, campo interdisciplinar que combina aspectos sociais e educacionais para estudar como as práticas linguísticas e as variedades de linguagem influenciam e são influenciadas pelos contextos educativos, este campo de estudo foca em como a língua é usado no âmbito escolar. Teremos como base algumas políticas que norteiam o currículo, por exemplo, Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Plano Nacional de Educação (PNE) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS).

A sociolinguista Stella Maris Bortoni-Ricardo foi quem inaugurou no Brasil esse movimento, denominado por ela, de Sociolinguística Educacional. Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 2018) “é objetivo da pedagogia culturalmente sensível criar em sala de aula

ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos”. Reconhecendo assim, a importância da Sociolinguística no espaço escolar, fazendo com que o aluno entenda os fenômenos da linguagem e fenômenos sociais, que fazem parte da sua realidade.

A escola tem papel significativo nessa mediação entre o conhecimento da língua portuguesa e o entendimento da variação linguística, considerando a variedade de origem, aquela que o estudante domina desde sempre. Assim, quando o aluno compreende que a língua muda e varia a dependes dos diferentes aspectos linguísticos, aprende-se a respeitar as diferentes formas de lidar com a língua.

Os papéis sociais são exemplos de como é possível lidar com a língua em diferentes contextos de uso. A língua é utilizada de diferentes formas a depender do contexto, por exemplo, quando vai se dirigir a mãe, ao pai, aos avós, aos irmãos etc. É nesse processo de interação que se percebe as diferentes características linguísticas que serão levadas para a escola pelo fato do aluno já interagir de determinada forma fora da escola, isto é, no seu espaço familiar. Na escola pode existir o domínio da norma padrão, mas as variações linguísticas estarão presentes no processo de interação entre alunos e professores na fala menos monitorada (Lopes., Cavalcante., 2022, p. 93).

Com esse aprendizado, o aluno começa a reconhecer a variedade linguística como algo que marca quem você é, sendo uma marca para a sua comunidade e que existem variedades linguísticas em outros ambientes, promovendo a interação entre diversas linguagens.

A importância da sociolinguística no campo educacional e no ensino de Língua Portuguesa ajuda a perceber as diferentes realidades linguísticas que existem no ambiente escolar. É imprescindível compreender que essa área pesquisada é aliada para enfrentar o preconceito linguístico na escola e fora desse espaço. Sendo assim, uma forma de promover respeito entre as pessoas para promover a heterogenidade da língua e saber que não existe um “falar errado”. Para Mollica (2003), “nem sempre variedades de prestígio, com alta cotação de mercado, são necessariamente assimiladas pelos falantes”, exemplificando que existe o contexto de uso linguístico a depender da situação que o falante está inserido.

Pode-se trazer uma problemática para o ensino de sociolinguística educacional pela falta de formação dos processos, que eles não tiveram em seu processo formativo a base para lecionar sobre essa área de estudo. Os docentes acabam não sabendo lidar com a área mencionada e denomina de *erros de português*. Dessa forma: “Até hoje, os professores não sabem muito como agir diante dos chamados *erros de português*” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.37). Os educadores ainda persistem em ensinar a língua com base na gramática normativa, trazendo o tema de variação linguística de forma sucinta.

2.2 DIRETRIZES EDUCACIONAIS NACIONAIS

Teremos como base algumas políticas que norteiam o currículo, por exemplo, Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Plano Nacional de Educação (PNE) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS). A Base Nacional Curricular (BNCC) é um documento normativo que define os conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da educação básica. Na BNCC, O Ensino Fundamental está estruturado em cinco áreas do conhecimento, competências específicas de cada área, componentes curriculares (disciplinas) e competências específicas de cada componente. Segundo o próprio texto do documento:

A Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)².

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são documentos que orientam a elaboração dos currículos das escolas de educação básica. Os PCNs (Brasil, 1998) já anteviam a variação linguística como fator constitutivo das línguas humanas, e aborda sobre a questão de se conhecer e valorizar as diferentes variedades do português de forma que se combata o preconceito linguístico. É importante evidenciar a relevância dos PCNs para a educação brasileira e o ensino da língua portuguesa:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos

preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. [...] A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. [...] É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige (BRASIL, 1998, p. 26).

O conceito de variação é amplo e engloba diversos fatores linguísticos e os extralinguísticos, como gênero, escolaridade, faixa etária, classe social, profissão e região geográfica. A BNCC (Brasil, 2017) resalta que o ensino deve complementar também a variação da língua.

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2017, p. 81).

Dessa forma, o documento aconselha que o ensino de variação contemple as análises linguísticas e semânticas, de modo que o aluno perceba as variações pela troca de sintagmas nominal/verbal, ausência de concordâncias e as variedades no campo semântico. Observa-se:

Variação linguística	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. • Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica.
-----------------------------	---

O componente de língua portuguesa é o componente que será o foco durante a construção da pesquisa, está na área de Linguagens. Na abordagem do componente de língua portuguesa de modo geral, tanto em relação aos Anos Iniciais quanto aos Anos Finais do Ensino Fundamental, tem-se a seção *4.1.1 Língua Portuguesa*, identificamos que a pluralidade linguística abordada “[...] é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas no usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (BRASIL, 2018, p.70). Dessa forma, esse componente destaca a importância de estudar a heterogeneidade linguística, com o propósito que os estudantes conheçam e valorizem as

diversidades da língua e seus diferentes contextos, para que não gere o preconceito linguístico, que às vezes é propagado sem conhecimento.

A menção ao trabalho com a variação linguística no Ensino Fundamental, Anos Iniciais e Anos Finais, ocorre em habilidades referentes a algumas práticas de linguagem que se realizam, especificamente, nas práticas/eixos de produção de texto, oralidade e análise linguística/semiótica, conforme apresentamos na sequência. Primeiramente, identificamos o tratamento da variação linguística no eixo de produção de textos, conforme quadro a seguir:

Quadro 1 - Eixo da produção de textos

Eixo da Produção de Textos	
Consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam</u>, incluindo-se aí a multissemiótica e características da conectividade (uso de hipertextos e hiperlinks, dentre outros, presentes nos textos que circulam em contexto digital).
Construção da textualidade	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Usar recursos linguísticos e multissemióticos de forma articulada e adequada</u>, tendo em vista o <u>contexto de produção do texto</u>, a construção composicional e o estilo do gênero e os efeitos de sentido pretendidos.
Estratégias de produção	Desenvolver estratégias de planejamento, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, <u>considerando-se sua adequação aos contextos em que foram produzidos</u> , ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), <u>à variedade linguística e/ou semioses apropriadas a esse contexto</u> , os enunciadores envolvidos, o gênero, o suporte, a esfera/ campo de circulação, <u>adequação à norma-padrão etc.</u>

Fonte: Cardoso e Semechechem (2020).

As dimensões contemplam as “condições de produção de textos”, a “construção da textualidade”, e as “estratégias de produção”. Tem-se essa divisão para que o aluno consiga refletir sobre o uso da língua em diferentes contextos e situações sociais, a fim de que os estudantes consigam distinguir o uso da variação linguística, levando em consideração cada especificidade dos textos (oral e escrita).

A variação linguística também está presente no eixo da oralidade: produções de textos orais e a relação entre fala e escrita dos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. Como vemos abaixo:

Quadro 2 - Eixo da oralidade

Eixo da Oralidade	
Consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre <u>diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais</u> e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multisssemiose.
Relação entre fala e escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer <u>relação entre fala e escrita</u>, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), <u>as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar</u> o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão. • Refletir sobre as <u>variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto.</u>

Fonte: Cardoso e Semechechem (2020).

Com base nos eixos trabalhados, nota-se a importância do aluno em refletir sobre a variação e a mudança linguística. Na condição de produção de textos orais, leva o aluno a refletir acerca dos diferentes contextos sociais do uso da oralidade e suas diferenças. Na escrita e fala exibe as diferenças e as semelhanças existentes entre as duas formas de comunicação.

O que diz respeito à língua portuguesa nos Anos Iniciais e Finais, temos algumas competências:

Quadro 3 - Competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental
1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem;
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos;
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

Fonte: Cardoso e Semechechem (2020).

Pela competência 1, a língua é compreendida de forma heterogênea, associada aos usos sociais e como forma de construção de identidades. Na 4, que aborda sobre variação linguística, volta-se a necessidade de entender a variação de forma respeitosa e quebrando

preconceitos linguísticos. Na competência 5, refere-se a forma que o aluno empregue o uso da variação em diferentes situações de comunicação, fazendo o uso da variação diafásica (estilística).

Citando brevemente, temos o tratamento da variação linguística nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que está inserido na seção 4.1.1.1 *Língua portuguesa no Ensino Fundamental – Anos Iniciais: Práticas de Linguagem, objetos de conhecimento e habilidades*.

Quadro 4 - Língua portuguesa - 3º ao 5º ano

LÍNGUA PORTUGUESA – 3º AO 5º ANO				
PRÁTICAS DE LINGUAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES		
		3º ANO	4º ANO	5º ANO
TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO				
Oralidade	Variação linguística	(EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.		

Fonte: Cardoso e Semechechem (2020).

De forma específica, o tema variação linguística é abordado do 3º ao 5º ano. Observa-se que é trabalhado a variação diatópica (comparação entre os modos de falar em lugares diferentes), através de gravações, textos em diferentes variedades, trabalhando com os alunos as características regionais dos falantes. Trazendo peculiaridades sobre a língua, com isso, rompendo preconceitos.

Já nos Anos Finais do Ensino Fundamental, temos a seção 4.1.1.2 *Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – Anos Finais: práticas de linguagem, objetos de conhecimento e habilidades*. No quadro abaixo tem-se o objetivo de conhecimento do 6º ao 9º ano.

Quadro 5 - Língua portuguesa - 6º ao 9º ano

LÍNGUA PORTUGUESA – 6º AO 9º ANO		
PRÁTICAS DE LINGUAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO		
Análise linguística/semiótica	Variação linguística	(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: Cardoso e Semechechem (2020).

A primeira habilidade abordada no ensino do 6º ao 9º ano, propõe que o aluno reconheça as variedades da língua, compreensão sobre o que é norma-padrão e preconceito linguístico. Todavia, não é explícito o que é compreendido como norma-padrão. Já na segunda habilidade, o documento refere-se ao uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações distintas.

No documento, é referido as habilidades sobre variação linguística somente para o 9º ano.

Quadro 6 - Língua portuguesa - 8º e 9º anos

LÍNGUA PORTUGUESA – 8º E 9º ANOS			
PRÁTICAS DE LINGUAGEM	DE OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES	
		8º Ano	9º Ano
TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO			
Análise linguística/semiótica	Variação linguística		(EF09LP12) Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso.

Fonte: Cardoso e Semechechem (2020).

Como observa-se, a habilidade procura que os estudantes identifiquem o uso de palavras estrangeiras que se inserem na língua portuguesa. A habilidade menciona o uso da variação diacrônica (comparação em nível de história da língua), ao propor que os alunos verifiquem a forma gráfica da palavra, comparando se houve mudança desde sua origem ou não, cita também o uso da variação diafásica (uso diferenciado que os falantes fazem da língua), sugerindo que os alunos identifiquem a adequação aos contextos utilizados.

Falando agora de variação no Ensino Médio que tem uma estrutura diferente do Ensino Fundamental, segundo o documento é necessário “garantir a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental [...]” (BRASIL, 2018, p. 464).

Na área de Linguagens e suas tecnologias, na seção 5.1.1 Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio: competências específicas e habilidades, há uma competência voltada para a variação linguística, que é a competência 4.

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades

e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 490).

As habilidades abarcam as três séries/ anos do Ensino Médio, de forma contínua. Com base na competência 4, é que ao final do Ensino Médio os alunos compreendam a natureza das línguas, respeitando as variações marcadas como identidade social, e desconstruindo preconceitos.

No que tange ao Ensino Médio, que será nosso campo de estudo, sobre o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, as OCEM contemplam que:

O aprendizado da língua implica a apreensão de práticas de linguagem, modos de usos da língua construídos e somente compreendidos nas interações, o que explica a estreita relação entre os participantes de uma dada interação, os objetivos comunicativos que co-constroem e as escolhas linguísticas a que procedem (OCEM, 2006, p. 30).

Na parte de variação linguística aplicada também à língua portuguesa, tem-se duas habilidades citadas na BNCC:

Quadro 7 - Habilidades

Habilidades
(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.

Fonte: Cardoso e Semechechem (2020).

A primeira habilidade (EM13LGG401) propõe que os alunos analisem de forma crítica os textos para compreender e caracterizar as línguas e suas influências. Na segunda habilidade (EM13LGG402), refere-se à adequação linguísticas e suas diversas situações, fazendo o uso da variação diafásica (estilística).

No que se refere às habilidades destinadas ao componente Língua Portuguesa no Ensino Médio, na seção 5.1.2.1. *Língua Portuguesa no Ensino médio: campos de atuação social, competências específicas e habilidades*, encontramos apenas três habilidades que contemplam a variação linguística e estão relacionadas à competência específica 4, da área Linguagens e suas Tecnologias, como apresentado abaixo (Cardoso., Semechechem., 2020, p. 194):

Quadro 8 - Todos os campos de atuação social

TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO SOCIAL	
PRÁTICAS DE LINGUAGEM: Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica.	
COMPETÊNCIA ESPECÍFICA	HABILIDADES
4. Compreender as línguas como fenômeno (geo) político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.	(EM13LP09) Comparar o tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a diferentes tópicos gramaticais, de forma a perceber as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma-padrão na escola (BRASIL, 2018, p. 507).
	(EM13LP10) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (BRASIL, 2018, p. 508).
	(EM13LP16) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.) (BRASIL, 2018, p. 509).

Fonte: Cardoso e Semechechem (2020).

Como citado anteriormente, a competência específica 4:

verifica-se que as habilidades relacionadas com tal competência operam em todas as práticas de linguagem: Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica; e em todos os campos de atuação social, sendo eles: campo da vida pessoal, campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública. (Cardoso., Semechechem., 2020, p.195).

A primeira habilidade (EM13LP09) visa que o aluno compreenda a diferença da gramática tradicional com as gramáticas contemporâneas. O intuito da comparação é que o aluno desmitifique a ideia de língua como um bloco único e compreenda a variação como um fenômeno natural da língua e, por consequência, entenda o predomínio da norma-padrão no ensino. A segunda habilidade (EM13LP10) propõe que os alunos sejam capazes de analisar o fenômeno da variação linguística nos diferentes níveis da língua (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.). A terceira habilidade (EM13LP16) refere-se à produção e análise de textos orais com base na variação diafásica (estilística), que é o uso diferenciado que os falantes fazem da língua. Para Bagno

(2007), a variação no uso da língua não ocorre somente entre grupos sociais ou comunidades diferentes quando comparados entre si, mas também em um mesmo falante, quando este muda seu modo de falar de forma mais consciente ou menos consciente, de acordo com a interação sociocomunicativa na qual está inserido. Variação que é citada no ensino de variação linguística no Ensino Médio, que é utilizado de forma falada ou escrita.

3 TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA POR DÉCADAS

A variação linguística no Brasil no período compreendido entre 2000 a 2020 continuou a sua evolução, refletindo sobre mudanças sociais, culturais e tecnológicas que afetaram o uso da língua portuguesa e sua diversidade. Tem-se alguns fatores que influenciam a variação linguística: expansão do acesso à internet, o aumento da mobilidade social, a urbanização e a crescente influência da mídia.

Para Faraco (2015) nas escolas brasileiras, ainda se tem uma concepção mais tradicional da variação linguística, visto que o ensino ainda é regido sobre a noção do certo e do errado. É consenso dos sociolinguistas que é necessário avançar em termos da inserção da variação linguística na escola. Com base nessa reeducação sociolinguística e/ou uma pedagogia culturalmente sensível que o tema de variação conste de forma mais efetiva nas escolas e, dessa forma, contribuindo para a educação linguísticas dos estudantes.

Doravante, então, conforme os objetivos elencados para este estudo, passaremos ao estudo do tratamento da variação linguística por décadas:

3.1 DÉCADA DE 2000 A 2010

Este item contemplará algumas obras da primeira década focalizada que se relaciona ao tratamento da variação linguística, e será organizado em:

- a) Metalinguagem;
- b) Proposição;
- c) Aplicação;

A disciplina da variação linguística no âmbito escolar auxilia no ensino da língua materna, sobretudo por fornecer aos professores orientações que os auxiliarão na elaboração de práticas pedagógicas que promovam o conhecimento das variedades linguísticas, utilizando atividades descritivas e analíticas focadas na conscientização e no respeito às diferentes formas de linguagem.

3.1.1 Metalinguagem

No tocante às obras que contemplam a variação linguística de modo geral, no início da década de 2000, de 2001 a 2008, com base nos autores estudados tem-se os seguintes dados:

Dando início à pesquisa sobre a primeira década estudada, primeiro, serão apresentadas pesquisas que abordam a temática de forma geral. Bortoni-Ricardo (2005, p.130) fala sobre o papel fundamental que a escola possui “o que é preciso, de fato, é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola – de professores e alunos – e da sociedade em geral.”

Em virtude do descrito, Bortoni (2001) ainda fala sobre a necessidade que o ambiente escolar tem de se tornar culturalmente sensível à diversidade, pois dessa forma, estará capaz de lidar de maneira mais eficaz com a variação linguística e a cultura diversa dos estudantes.

[...] a escola tem de aceitar a diversidade e torná-la funcional. Tem também de conscientizar-se de que às diversidades sociolinguísticas correspondem desigualdades sociais. Na medida em que não somos sensíveis às primeiras, estamos contribuindo para agravar essas últimas (BORTONI-RICARDO; DETTONI, 2001, p. 102).

Bortoni- Ricardo (2005) ainda aponta que a escola é norteadada para ensinar a língua da cultura dominante e tudo o que se afasta dela é defeituoso e deve ser eliminado. Para a autora é por isto que a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Podemos relacionar ainda, com que Marcos Bagno fala sobre a questão do “certo” e do “errado” no contexto da linguagem, pois ele critica o conceito de uma única norma padrão de linguagem como “correta”. Para ele, existe diferentes formas de falar e escrever.

Com relação ao exposto, Bortoni-Ricardo (2004) também traz um amplo debate sobre a noção de “erros” dos alunos. A autora não aborda o erro como uma questão de “certo” ou “errado”, mas sim de uma “adequação” e/ou “inadequação”, posturas que o aluno e professor podem adotar em sala.

Bortoni-Ricardo (2005) salienta que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder da persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. (p. 15)

Dessa forma, papel da escola torna-se indispensável para o ensino da variação, pois a escola tem a missão de conscientizar o aluno acerca do tema. Tendo em vista a importância do papel em relação à questão do ensino, Bortoni-Ricardo fala sobre a contribuição da escola:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Assim, para que o ensino da Língua Portuguesa seja eficaz, produtivo e que o aluno consiga compreender suas competências linguísticas, comunicativas e intencionais para utilizá-las de forma efetiva, o professor insere em sua prática de ensino, estratégias que ajudem os estudantes elevar essas competências.

3.1.2 Proposição

Adiante, referente às obras analisadas, partiremos para a análise de forma mais específica da temática abordada nos anos 2000 a 2010, em materiais do ano 2007, os únicos encontrados para a década em foco.

Mollica (2007), relata em sua obra algumas propostas pedagógicas dentro e fora do texto. Uma de suas contribuições durante o capítulo “consiste em oferecer a possibilidade de trabalhar paralelamente fatos gramaticais, que fazem parte do conhecimento sistêmico do aluno, não só dentro do texto, mas também fora dele.” O trabalho do professor com o uso de textos reais permite, que o significado seja dialógico e que o aluno relacione com a sala de aula e com o seu espaço na sociedade, reconhecendo seu texto como ação social.

Em 2007, as PCN + (Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio), já alertavam para a relevância do ensino da diversidade linguística existente no Brasil:

Alternativamente, do ponto de vista da abordagem gramatical descritiva, pode-se considerar que em nosso país convive uma enorme variedade linguística, determinada por regiões, idades, lugares sociais, entre outros. Assim, as noções de certo ou errado, tão típicas da abordagem normativa ou prescritiva, cederiam espaço para as noções de adequação ou inadequação em virtude das situações comunicativas de que o falante participa. É papel da escola lidar de forma produtiva com a variedade linguística de sua clientela, sem perder de vista a valorização da variante linguística que cada aluno traz consigo para a escola e a importância de se oferecer a esse aluno o acesso à norma padrão – aquela que é prestigiada quando se testam suas habilidades para ingressar no mundo do trabalho, por exemplo (BRASIL, 2007, p. 82).

Dessa forma, os livros didáticos utilizados nas escolas passaram a fazer adaptações para contemplar a diversidade linguística no Brasil. Com base no exposto, Bagno (2007) fala

sobre a conscientização dos alunos por meio da mediação dos professores, para que o aluno tenha plena capacidade de expressão, e que compreenda o seu modo de falar, sendo válido de como qualquer outro, pois não existe forma linguística “melhor” ou “pior, mas sim, formas diferentes.

3.1.3 Aplicação

No que tange à aplicação da Variação Linguística ao ensino com base nas obras da respectiva década temos alguns dados dos anos: 2004, 2004, 2005, e 2007.

Quando os alunos chegam à escola, sentem-se em um ambiente desconhecido, pois já trazem um repertório verbal e encontram uma variedade da língua que não estão familiarizados: a norma-padrão ou a variedade culta da língua. Dessa forma, a abordagem à variação linguística no ambiente escolar é essencial para possibilitar o uso das variantes da língua. De acordo com a ideia, Bagno (2002) fala que:

Nesta perspectiva, a escola deve visar o aumento do repertório linguístico das crianças para lhes dar a possibilidade de utilizar as variantes apropriadas às situações de comunicação mais diversas e assegurar o mais eficazmente possível as funções a que a língua serve. Este desenvolvimento não exige a supressão das variantes existentes possuídas pela criança. A possibilidade de coexistência dos usos é, de fato, claramente demonstrada pelas investigações que têm revelado a existência de variantes intercambiáveis nos indivíduos, inclusive em crianças muito pequenas (BAGNO, 2002, p. 213).

Bagno (2007) propõe um roteiro de análise do livro didático. Que serviu como *corpus* para uma análise de um livro didático de 2016. O roteiro de Bagno (2007) é o seguinte:

1. O livro didático trata da variação linguística?
2. O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas existente no Brasil?
3. O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?
4. O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?
5. O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?
6. O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?
7. O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do “certo” e do “errado”?
8. O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar do erro?
9. O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística? Como?
10. O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão? (p. 125-138)

Posteriormente, na análise da década 20010-2020 será exposto tal adaptação da proposta de análise do livro didática proposta por Bagno (2007).

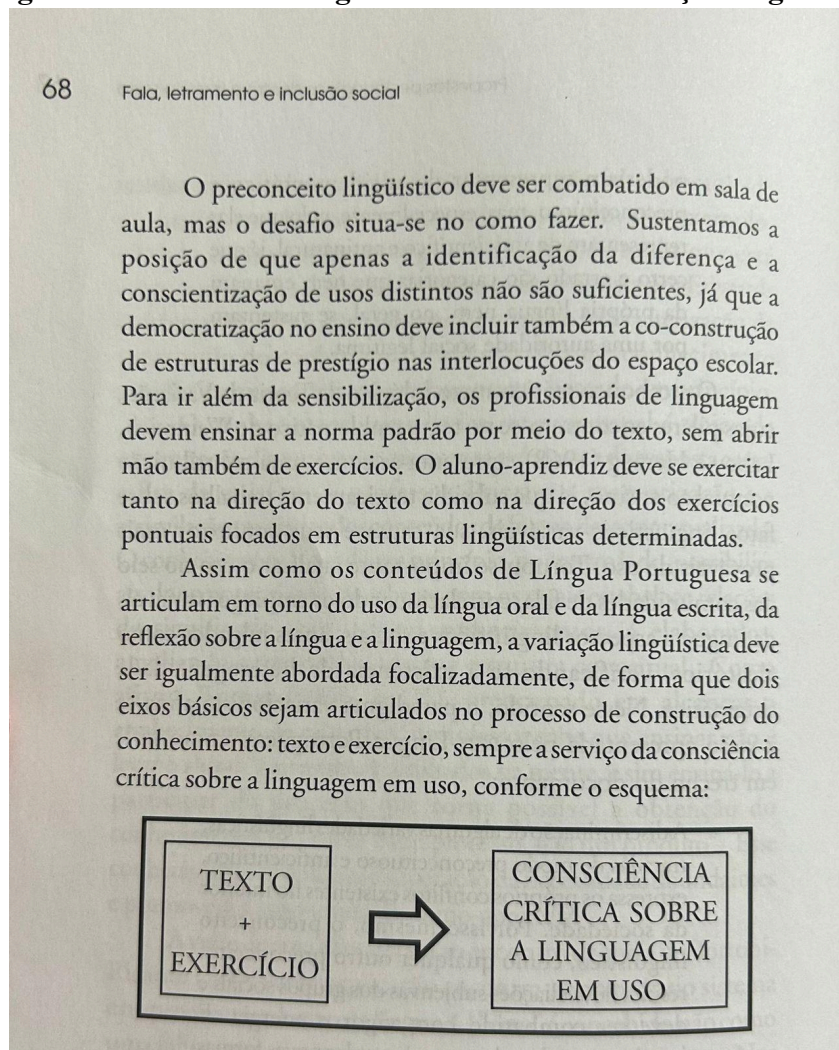
Bortoni-Ricardo (2004) propõe que se trabalhe a variação do português brasileiro em sala de aula, com base em três contínuos, sendo o terceiro correspondente ao contínuo de monitoração estilística, que vai desde as interações espontâneas do falante, realizadas com pouca preocupação quanto à forma da língua, até aquelas que exigem maior planejamento, por exigir muita atenção do falante (BORTONI-RICARDO, 2004). Ainda de acordo com Bortoni-Ricardo (2005), o ensino da norma culta deve ser apenas para a ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, para que ele consiga ter acesso aos estilos monitorados da língua e, por conseguinte, adeque-os às situações que exigem maior grau de formalidade.

Dessa forma, Bortoni-Ricardo (2004,2005), afirma que o professor precisa adotar, em sala de aula, uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes do estudante. Trata-se do educador valorizar o perfil sociolinguístico do aluno, por isso é preciso que ele adote em sala de aula estratégias que possibilitem a participação efetiva do estudante; isto inclui, por exemplo, desenvolver atividades que reproduzam a realidade social do aluno, fazendo com que ele ganhe sua autonomia linguística.

Mollica (2007) aborda algumas propostas pedagógicas para utilizar dentro e fora dos textos. Com base nisso, ela exemplifica o trabalho com exercícios, que por sua vez, ajuda o aluno a sistematizar o conhecimento linguístico adquirido. Os exercícios devem ser pautados em pesquisas acadêmicas, de modo a indicar contextos mais propícios ao aparecimento de cada fato gramatical a ser contemplado. Dessa forma, evita-se o ensino da língua portuguesa calcado em padrões gramaticais anacrônicos e artificiais ou em estruturas inócuas. O conceito de construção do conhecimento, visão social de aprendizagem elaborada por Vygotsky (1978), cujo foco baseia-se na interação entre o aluno e o professor a partir de experiências comuns.

A variação da Língua Portuguesa ocorre por conta de fatores internos, mas também devido a diversos fatores que são externos a ela e que podem ser devido à origem geográfica, ao status socioeconômico, ao grau de escolarização, à idade, ao sexo, ao mercado de trabalho e às redes sociais. Esses fatores influenciam no uso da língua positiva ou negativamente. Quando a influência é negativa, o usuário da língua tem sua fala estigmatizada, gerando assim o preconceito linguístico que está presente nas escolas brasileiras.

Sobre isso, Mollica (2007) aborda sobre o preconceito linguístico e sobre o ensino da variação linguística:

Figura 3 - Preconceito linguístico e ensino da variação linguística

Fonte: Mollica (2007).


Mollica (2007) também aborda no seu livro alguns exercícios e propostas pedagógicas. Os exercícios foram elaborados com o intuito de desenvolver o raciocínio, passo a passo com o aluno. Como abaixo:

Figura 4 - Exercício proposto

92 Fala, letramento e inclusão social

✓ Vamos observar um fato narrado por José, um morador do subúrbio do Rio de Janeiro:

Ontem, lá na praça, dois cara, que são freguês antigo do boteco do Joaquim, eles estavam muito nervoso, eles brigaram muito. As pessoas estavam dizendo que os cara são ladrão dos pior que existe, que sempre foram conhecido como irresponsável e que nunca foram capaz de fazer uma coisa certa. Esses cara são muito jovem, mas já foram presos muitas vezes.



Fonte: Mollica (2007).

Figura 5 - Questões propostas

Trabalhando no nível gramatical 93

a) Qual é o problema tratado por José na história que ele nos contou?

b) Quantas pessoas estão envolvidas nesse problema? Quem é(são) essa(s) pessoa(s)?

c) As palavras utilizadas por José fazem referência adequada ao número de participantes presentes na história?

d) Se você considera que as palavras utilizadas por José demonstram inadequadamente a quantidade de pessoas que participam da história, substitua-as por outras adequadas.

e) Explique o motivo das inadequações.

Fonte: Mollica (2007).

Figura 6 - Exercício proposto


94 Fala, letramento e inclusão social

✓ Vejamos agora duas situações. No primeiro caso, nós observaremos Maria da Glória em uma conversa e, em seguida, uma notícia anunciada pela jornalista Fátima Bernardes.

... o dinheiro era contado pras despesas dele e não podiam fazer festa né ... porque não havia dinheiro para farrá porque os pai não podiam dar, então quando meu filho tava no 3º ano de engenharia né ... no pátio da faculdade de Petrópolis ficava estacionado os automóvi dos estudante ...

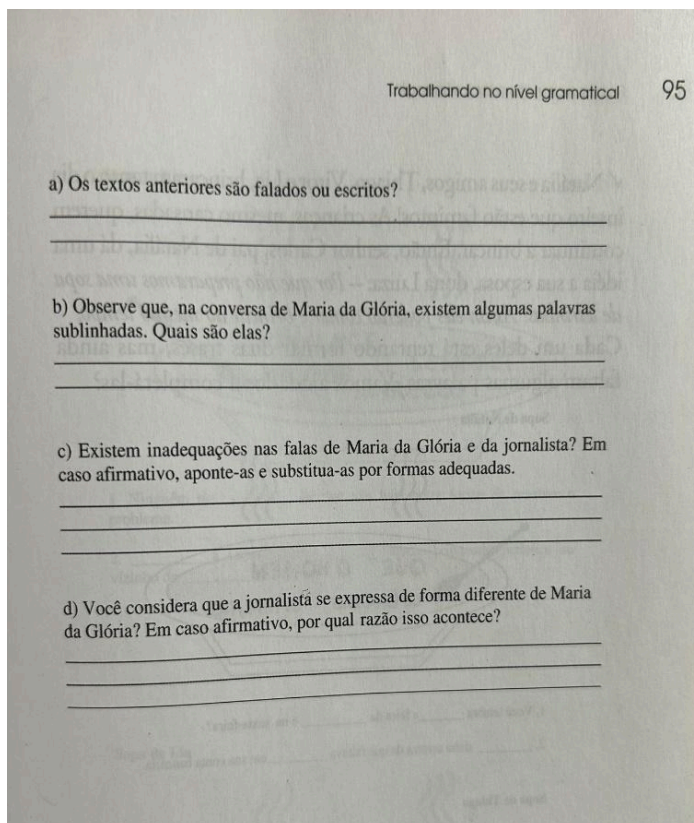
(Maria da Glória, 52 anos, Projeto Censo, 1983.)

Um alerta para quem costuma contratar serviços pela internet. Golpistas estão vendendo pacotes de carnaval num hotel paradisíaco e fictício.



Fonte: Mollica (2007).

Figura 7 - Questões propostas



Fonte: Mollica (2007).

3.2 DÉCADA DE 2010 A 2020

3.2.1 Metalinguagem

Quanto às obras que contemplam a variação linguística de modo geral, no início da década de 2010, especialmente nos anos de 2013, 2015 e 2017. Com base nos autores estudados, tem-se os seguintes dados:

Bagno (2013) afirma que é fundamental que uma escola democratizada desconstrua os discursos excludentes que se fundaram em torno da língua. Por isso é necessário que se instaure uma educação linguística que reconheça a heterogeneidade da língua, juntamente com os mitos nefastos que caem sobre ela.

Faraco (2015, 2017) defende que a escola deve formar cidadãos conscientes linguisticamente; por isso, propõe a necessidade de uma pedagogia da variação linguística, a qual possibilita que o aluno reflita sobre a língua e seus usos nos diversos contextos sociais. Conforme o autor, essa pedagogia considera não apenas aspectos internos da língua, mas também os fatores socioculturais que a envolvem no contexto em que está inserido. Segundo Faraco (2017):

Uma pedagogia da variação linguística tem, portanto, entre seus objetivos, garantir que os alunos percebam e entendam a variação linguística; em consequência, sejam capazes de superar criticamente os imaginários da língua única, da língua certa, da língua pura, da língua homogênea; e abandonem, também criticamente, todos os gestos de discriminação e violência simbólica. Faraco (2017, p. 134)

Dessa forma, é levado em consideração o papel do professor em sala de aula, para romper com a ideia de língua única e adote práticas didático-pedagógicas que possibilitam que o aluno entenda e perceba a variação linguística e sobretudo, rejeite o preconceito linguístico (ZILLES; FARACO, 2015).

Nessa abordagem, Faraco (2015, p. 26) afirma que devemos compreender a nossa realidade linguística e inseri-la em nossas preocupações político-pedagógicas, para que possamos “avançar na construção de uma pedagogia que seja capaz, de fato, de dar acesso à expressão culta sem demonizar as expressões ditas populares”, isto é, ampliar o repertório linguístico do aluno, porém sem estigmatizar as variedades que ele já possuía antes de ter acesso à cultura letrada.

3.2.2 Proposição

Dando continuidade nos estudos do século 2010 a 2020, agora de uma abordagem mais específica dos autores, temos alguns dados encontrados:

Logo, quando mencionada no ensino e, principalmente, nos livros didáticos de Língua Portuguesa, o tratamento dado à variação linguística é ainda precário, visto que, conforme Bagno (2013) e Faraco (2015) discutem, esse fenômeno aparece sempre atrelado ao uso exclusivo de falantes rurais, pobres, de baixa escolaridade, como se os falantes urbanos, escolarizados não apresentassem variação em suas manifestações linguísticas, isto é, como se esses falantes usassem a língua de forma “correta”. Essa forma estereotipada do ensino da variação nas escolas ainda é presente nos livros atuais, essa crítica está presente nas abordagens dos estudiosos da área. Como podemos observar no livro didático abaixo:

Figura 8 - Variedade linguística - livro didático

“Variedade linguística

1. *Observe a maneira como um personagem do texto “Na escola” expôs sua opinião e responda às próximas questões:*

A senhora vem de calça comprida, e a gente aparecemos de qualquer jeito.

- a) A construção destacada no trecho está de acordo com as regras gramaticais? Por quê?
R: *não, pois o sujeito (a gente) está no singular e o verbo (aparecemos) no plural.*
- b) Construções como essa em destaque podem aparecer na fala das pessoas quando elas se comunicam? Por que você acha que isso acontece?

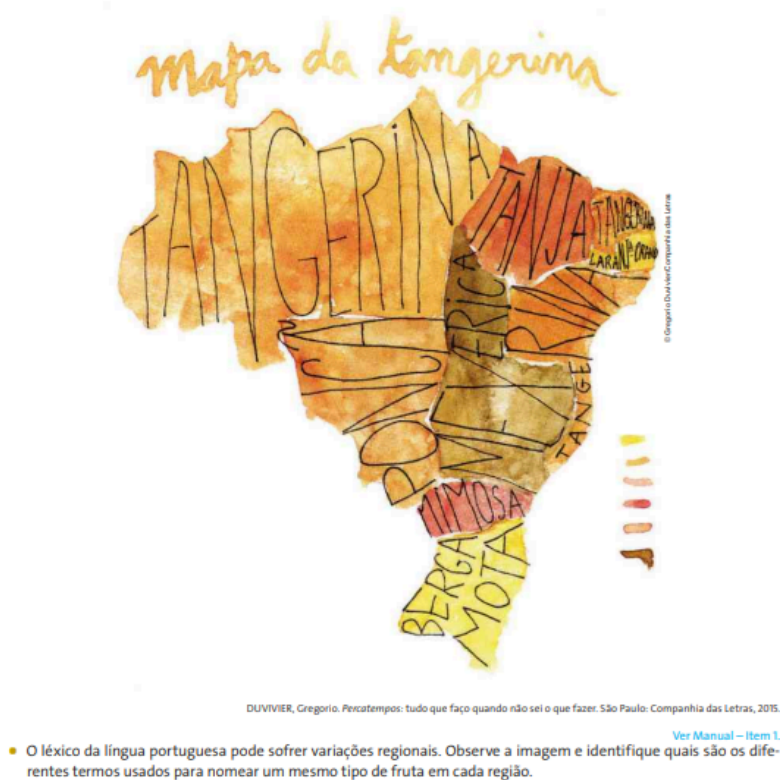
Fonte: PNLD, Tecendo Linguagens (2018, p. 88).

Observe-se que a variação linguística foi abordada de maneira bastante breve apenas neste capítulo do livro. O exercício proposto para fortalecer o tema se restringe a uma única questão com duas opções.

Para Cardoso (2020) e Semechechem (2020), o ensino de Língua Portuguesa, em muitas escolas, ainda está pautado, exclusivamente ao ensino de gramática normativo-prescritiva, com uma preocupação com as regras e as nomenclaturas gramaticais, embora as discussões sobre o ensino de língua tenham avançado, tendo em vista uma concepção interacionista de linguagem.

No livro abaixo mesmo após avanços sobre o ensino da variação linguística alguns livros didáticos abordam de formas mais “chamativas” e generalizadas o ensino de variação regional. Como observado no livro de 2016:

Figura 9 - Variação linguística - livro didático



Fonte: Alves (2016, p. 256).

3.2.3 Aplicação

Após os estudos de forma geral e específica, vamos para a parte de aplicações e propostas da respectiva década: 2010 a 2020.

Para Cunha (2012) em relação à sequência didática, fala-se sobre a necessidade de um trabalho que começa com a leitura, proporcionando ao aluno o trabalho com diferentes gêneros textuais, passando pela escrita, através de atividades de produção textual inseridas em contextos reais de interação e atingindo seu auge com o estudo gramatical, atividade esta que só pode ser desenvolvida com êxito por alunos competentes em exercícios de leitura e de escrita. A autora propõe uma sequência didática para o Ensino Médio, exemplificando de que forma pode ser trabalhada a variação linguística em sala de aula:

5 - UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO: DE QUE FORMA PODE SER TRABALHADA A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA?

Esta proposta de ensino apresenta característica interdisciplinar – Língua Portuguesa, Literatura, Geografia, História e Artes –, pensando que o ensino de língua precisa ser plural, pois é com a pluralidade que se faz necessário o trabalho de leitura, de escrita e de produção textual ancoradas nos gêneros textuais, atentando-se para as variedades e mudanças da língua. Eis a sequência proposta:

Introdução:

As variações linguísticas podem ser entendidas por meio de sua história no tempo (variação histórica) e no espaço (variação regional). Assim, além do português padrão, há outras variedades de usos da língua cujos traços mais comuns podem ser evidenciados no linguajar dos alunos nas salas de aulas, ficando deste modo claro o fenômeno de mescla linguística, a qual o Brasil é objeto. Portanto, esta proposta com o ensino da variação linguística visa levar os alunos a perceberem o uso da língua materna e as modalidades na sua forma oral e escrita, apresentando um ensino dinâmico de variações diatópicas, onde o foco seja a compreensão da interferência da fala na escrita.

Justificativa:

De acordo com as orientações dos PCN (1999), que traz como proposta de tema transversal a pluralidade cultural que também se revela na diversidade linguística, o aluno será capacitado a identificar palavras em desuso que ajuda a ampliar seu vocabulário, as substituições escritas feitas por hábitos orais que nos levam a adaptar a oralidade na grafia; fazer graficamente um estudo de aumento ou diminuição da popularidade da língua, de costumes e da população e o ajudará a entender certas atitudes e causas históricas do nosso povo.

Objetivos Gerais:

- Refletir sobre a língua e suas variações;
- Compreender a língua como heterogênea;
- Identificar contextos e adequações;
- Distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala);
- Estimular o espírito do aluno pesquisador-investigador.

Procedimentos Metodológicos – Desenvolvimento:**Primeira parte (6 aulas):**

- **Conteúdo:** Língua Portuguesa no mundo – principais autores de expressão no mundo: Camões, Fernando Pessoa, José Saramago, Jorge Amado, Guimarães Rosa etc. Podem ser incluídos, também, autores africanos.

- **Objetivo:** Promover uma discussão sobre a língua portuguesa e seus principais autores literários, relacionando os textos lidos e analisados às mudanças linguísticas. Nesta etapa, será feita apresentações de documentários, como exemplo do documentário “Língua – vidas em português” dirigido por Victor Lopes, que exhibe uma entrevista com Saramago. Leitura de textos dos autores supracitados, recital e músicas. Um exemplo de música que pode ser trabalhada em sala de aula é “Zazulejo” da autoria de Fernando Anitelli – O teatro Mágico (ver em anexo).

Segunda parte (6 aulas):

- **Conteúdo:** Contextualização histórica da língua portuguesa no Brasil e sua diversidade linguística: africano, indígena e português na época da colonização e, posteriormente, a chegada dos imigrantes europeus e de outros povos.

- **Objetivo:** Entender os contextos históricos e as adequações da língua portuguesa a partir da diversidade linguística.

Nesta etapa, os alunos farão entrevistas com falantes de outras regiões: históricos de vida, comidas típicas, expressões regionais, traços linguísticos etc. Ocorrerá a apresentação destas entrevistas como meio de socializar o trabalho realizado. Também serão analisados trechos de falas transcritas de pessoas da região, a exemplo de transcrições de estudos realizados pelo VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba), coordenado pelo professor Dermeval da Hora - UFPB - João Pessoa. Os próprios alunos poderão realizar transcrições de fala de modo simples a partir das entrevistas elaboradas e, diante disto, pode ser feito em sala de aula um trabalho de análise linguística. Eles serão estimulados a observarem a língua e seus elementos estruturais: ortografia, sintaxe, fonologia e a análise de aspectos semânticos discursivos, tendo como base as transcrições.

Terceira parte:

- **Conteúdo:** Leitura e análise de literatura de cordel, elaborada pelos próprios alunos ou de autores conhecidos. Análise do preconceito linguístico, principalmente, retratado pela mídia. Leitura e análise de partes do livro: “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?” da autoria de Marcos Bagno.

• **Objetivo:** Conscientizar os alunos sobre o preconceito linguístico, fazendo com que eles entendam as diferenças e observem a língua como manifestação cultural. Nesta etapa, os alunos serão estimulados a analisarem as diversidades da língua através da literatura “popular”, que é conhecida por eles e poderão ter o compromisso de elaborar também alguns versos, podendo ter a liberdade de trabalhar a língua popular de uma forma simples e dinâmica. Poderão perceber que a adequação da língua em contextos sociais de uso faz-se necessário e que ignorar as diversidades poderá acarretar em Preconceito Linguístico. A leitura de textos a respeito deste assunto poderá instigar os alunos a terem uma nova visão da língua portuguesa, nem sempre estudada da maneira como esperam as contemporâneas necessidades conceituais de língua e de ensino de língua. (Cunha, 2012, p. 08)

O objetivo maior da aplicação de uma Sequência Didática em sala de aula – como a apresentada acima – faz com que os alunos do Ensino Médio encarem os diversos níveis de aprendizagem e o estudo da língua não mecanicamente ou como uma “decoreba” de regras que, muitas vezes, para eles nada significam. Em sua maioria, não conseguem realizar uma leitura além da superfície. Não há interlocução com os textos, o que acarreta total falta de articulação do conhecimento. Solicitar a um aluno que explique com as próprias palavras um assunto, supostamente compreendido, pode ser um imenso desafio. Como, porém, desfazer a imagem de desnecessário que o estudo da língua materna carrega? Como fazer para que os alunos percebam sua importância? Não se maquia a língua e se finge, simplesmente, sabe-se que o estudo da gramática não se impõe como fundamental.

Muitas vezes se trabalha com a variação linguística em sala de aula apenas mostrando contextos regionais e sociais através de charges, textos bem conhecidos e, como mesmo bem coloca Marcos Bagno, em seu livro “Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação”, os livros didáticos de português muitas vezes só trabalham com as tiras de Chico Bento (não desmerecendo a sua importância!) para mostrar as variedades regionais que já se tornou uma “rotina” seguida pelos professores que não atentam para materiais “ricos” em diversidades da língua e que estão ao nosso alcance. É necessário, além de reverter esta visão, que o ensino da língua portuguesa vise uma reformulação que se coadune com o objetivo de formar cidadãos críticos.

Em relação à implementação de uma pedagogia distinta para a variação linguística nas escolas, Faraco (2020) sugere três metas principais: conhecer e compreender a variação linguística; respeitá-la; e transitar com segurança por seu universo. Segundo o autor, o primeiro objetivo é justificado pela necessidade de entender criticamente a história socioeconômica, cultural e sociolinguística do Brasil, a fim de compreender a diversidade da língua. Dessa forma, é possível desenvolver “a percepção de que os estigmas que recaem sobre algumas variedades se assentam num conjunto de valores culturais constituídos historicamente” (FARACO, 2020).

Esse objetivo, por sua vez, conecta-se ao segundo, que busca promover no aluno uma postura de respeito incondicional às diversas formas de expressão linguística. Como afirma Faraco (2020), “tendo diante de si o amplo quadro das relações sociedade e língua ser capaz de compreender que o modo como cada pessoa fala espelha sua história socioeconômica e sociocultural e a da sua classe social”, ou seja, cada modo de fala tem uma razão de ser e uma explicação perfeitamente possível de ser descrita e explicada. No fim, o terceiro objetivo trata do acesso à norma de referência, também chamada de norma culta, que, conforme Faraco (2020), atua especialmente na escrita formal e no português falado padrão no Brasil. De acordo com o autor, é essencial que o aluno tenha contato com essa norma, que desempenha um papel fundamental na escrita monitorada. Portanto, é importante que o estudante entenda suas características e desenvolva domínio sobre elas e compreenda.

Oliveira e Cyranka (2013) expõe como a escola na atualidade leva o aluno a fazer exercícios de metalinguagem, mas poucos exercícios de uso efetivo da língua. Como é uma instituição encarregada de promover o progresso do aluno, ao seguir métodos tradicionais de ensino, acaba dificultando esse desenvolvimento. Isso ocorre porque prioriza o ensino descritivo do português, focando na norma padrão e em exercícios puramente estruturais, sem uma prática específica clara, o que impede o estudante de adquirir competência nas variedades mais prestigiadas.

Em relação à aplicação do ensino mais comprometido da língua portuguesa, Araújo (2020) fala que a escola deverá:

Aproveitar as experiências e vivências que as crianças trazem consigo, reproduzindo padrões interacionais que lhes são familiares; respeitar-lhes as peculiaridades; desenvolver recursos que façam a distinção entre eventos de oralidade e de letramento; implementar estratégias de envolvimento, permitindo que a criança fale, ratificando-a como falante legítimo; acolher suas sugestões e tópicos; incentivá-la a manifestar-se, fornecendo-lhe modelos de estilos monitorados da língua e mostrando-lhe como, quando e por que usar esses estilos. (Araújo, 2020, p. 36).

Note-se que em muitas escolas brasileiras ainda predomina um ensino focado na metalinguagem, que desconsidera a diversidade linguística e, em vez de combater o preconceito linguístico, acaba por reforçá-lo, resultando em uma educação pouco eficaz. Araújo (2020) ressalta a forma de como o trabalho deve ocorrer na escola: “é importante que esse trabalho seja feito por meio do uso de textos de diferentes gêneros, uma vez que a variação da língua se materializa nos gêneros orais e escritos”. É fundamental que o aluno compreenda que há diferentes maneiras de usar a língua, e que cada uma delas seja recebida de diversas maneiras pela sociedade. Dessa forma, a escola deixa de ser um ambiente que

privilegia apenas o ensino da norma culta e passa a oferecer ao estudante o conhecimento de outras variedades linguísticas.

Após alguns avanços das pesquisas, o ensino da variação linguística nas escolas e as abordagens nos livros tiveram uma evolução significativa. Mas mesmo com tal evolução, o ensino ainda é preso com muitas definições e os alunos não partem do texto para os exercícios como foi proposto pela maioria dos estudiosos.

Observa-se abaixo:

Figura 10 - Variação linguística - livro didático

Tipos de variação

Professor: Não se espera que a classificação a seguir seja memorizada pelos alunos. A finalidade principal de a apresentarmos aqui é que, por meio dos exemplos, eles compreendam melhor o processo de variação linguística.

Como vimos, a maneira de usar a língua varia segundo diversos elementos, constituindo, assim, diversos tipos de variação.

Variação diacrônica

Releia dois trechos das cantigas reproduzidas neste capítulo, na seção **Literatura**:



Passa seu amigo,
que lhi ben queria;
o cervo do monte
a augua volvia,
leda dos amores,
dos amores leda.

(Pero Meogo)

Quantos an gran coita d'amor
eno mundo, qual og' eu ei,
querrian morrer, eu o sei,
o averrian én sabor.
Mais mentr' eu vos vir', mia senhor,
sempre m'eu querria viver,
e atender e atender!

(João Garcia de Guilhade)



Nesses trechos, conseguimos reconhecer algumas palavras que utilizamos hoje em dia, como “lhi”, “ben”, “augua”, “gran”, “og”, “ei”, “querrian”, “averrian”, “mia”, que correspondem, respectivamente, a *lhe*, *bem*, *água*, *grande*, *hoje*, *hei*, *queriam*, *haveriam* e *minha*.

Essa variação na língua, que ocorre através do tempo, é chamada de *diacrônica*. É possível, assim, considerar que o português arcaico, ou galego-português, é uma variedade antiga do português atual.

Não é preciso voltar séculos no tempo para perceber esse tipo de variação. Na canção “Vozes da seca” há os termos *vosmicê* e *mercê*, equivalentes, hoje, a *você*, *ocê*, *cê*. Diferenças no uso da língua entre gerações que convivem em uma mesma época também constituem a variação diacrônica, da qual são exemplos expressões e gírias usadas apenas por nossos pais ou avós.

Variação diatópica

Você já se observou tentando adivinhar a região do Brasil da qual uma pessoa é, apenas por ouvi-la pronunciar algumas palavras? Isso se deve à percepção de que o modo de pronunciar as palavras depende do lugar de origem do falante. Na canção “Vozes da seca”, por exemplo, a ocorrência “*puê*”, em vez de *poder*, indica uma pronúncia típica da região Nordeste do Brasil.

Essa variação relacionada a lugar de origem do falante, chamada *diatópica*, inclui não apenas a pronúncia, mas também o uso de determinadas palavras, expressões e construções, independentemente de outros fatores, como idade ou escolarização, por exemplo.

Figura 11 - Variação linguística - livro didático

Variação diastrática

Há uma variação diretamente relacionada à escolarização dos falantes, chamada *diastrática*. Ocorrências como “seu doutô”, “pidimo”, “inté”, entre outras, encontradas na canção “Vozes da seca”, são típicas da fala de quem permaneceu por pouco tempo na escola e, assim, não teve acesso ao aprendizado da norma-padrão.

Vale lembrar que, em nosso país, o número de anos que uma pessoa frequenta a escola tem, em geral, relação com classe social. Quase sempre, pessoas de classe social mais elevada têm maior escolaridade.

Variação diamésica

Outra das variações, chamada *diamésica*, diz respeito ao meio ou veículo em que o texto circula. Fala e escrita, por exemplo, constituem meios ou veículos diferentes; assim, ocorrências como “rédiás”, “ismola”, “distino” são observadas inclusive na fala de pessoas escolarizadas que, na escrita, empregam naturalmente as formas *rédeas*, *esmola*, *destino*.

Essa variação tem relação também com o grau de formalidade dos textos. Em uma palestra, por exemplo, a fala é geralmente mais estruturada do que em uma conversa informal. Por outro lado, um bilhete deixado na porta da geladeira possibilita muito mais flexibilidade nos usos da língua escrita do que o texto de um trabalho escolar.

Fonte: Cereja (2016, p. 52).

Nesse livro específico tem poucos exercícios para melhor aprofundamento dos conhecimentos sobre o ensino de variação. Dessa forma, o ideal é que a escola e o professor aprofundem mais as conversas e o ensino sobre a temática. Mesmo com a evolução o ensino é pautado à variação regional, como fosse a variação mais “importante” ou a única existente. Como vemos no livro abaixo:

Figura 12 - Variação linguística - livro didático

LÍNGUA E LINGUAGEM

Variedades linguísticas

FOCO NO TEXTO

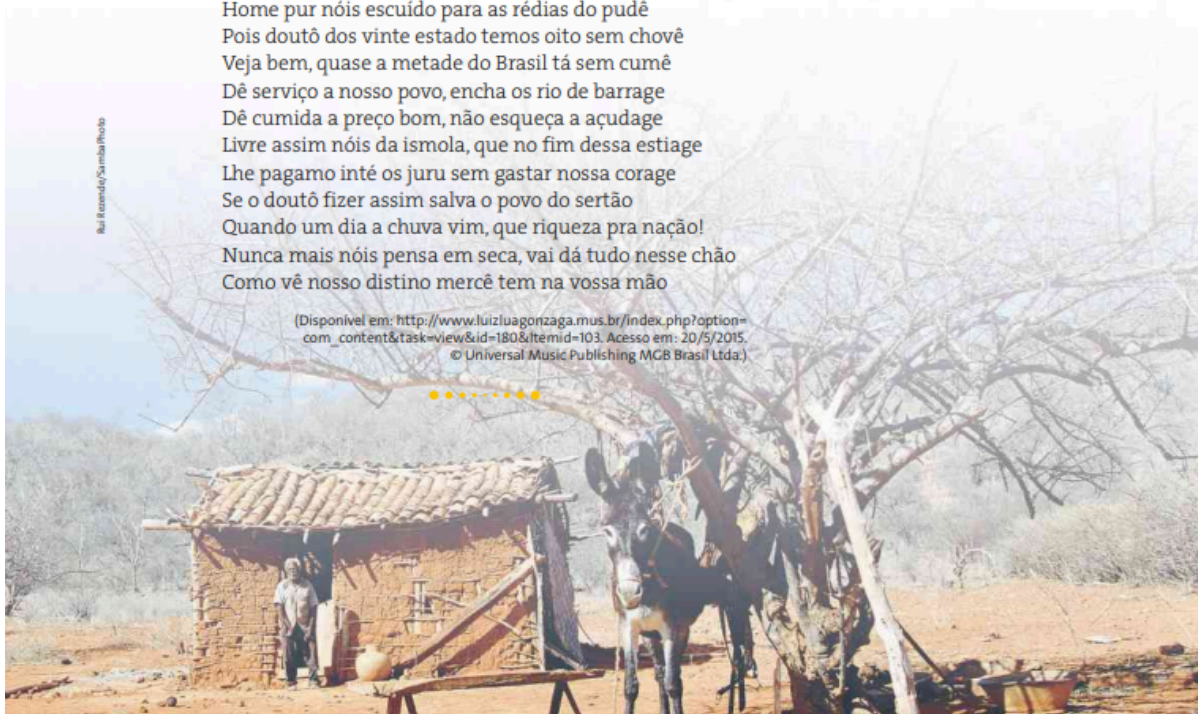
Leia os seguintes versos de uma canção de Luís Gonzaga e Zé Dantas.

●●●●●●●●

Vozes da seca

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão
 Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
 Mas doutô uma esmola a um homem qui é são
 Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão
 É por isso que pidimo proteção a vosmicê
 Home pur nós escuido para as rêdias do pudê
 Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê
 Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê
 Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage
 Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage
 Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage
 Lhe pagamo intê os juru sem gastar nossa corage
 Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
 Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!
 Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão
 Como vê nosso distino mercê tem na vossa mão

Professor: Seria interessante ouvir a canção com os alunos, a fim de que eles escutem a variedade em sua forma original e percebam a beleza estilística dos versos.



(Disponível em: http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=180&Itemid=103. Acesso em: 20/5/2015. © Universal Music Publishing MGB Brasil Ltda.)

Fonte: Cereja (2016, p. 48).

Acredita-se que é importante discutir a variação linguística diatópica, mas não como a única e absoluta existente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou explorar a variação linguística no contexto educacional brasileiro nas duas últimas décadas, destacando a importância de uma abordagem inclusiva e consciente da diversidade linguística.

As fontes analisadas revelam uma evolução significativa na abordagem da variação linguística no Brasil entre 2000 e 2020. As pesquisas de autores como Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo e Carlos Faraco, juntamente com documentos como os PCNs e a BNCC, demonstram um movimento crescente em direção a uma pedagogia culturalmente sensível, que reconhece a heterogeneidade da língua portuguesa e busca combater o preconceito linguístico.

Conclui-se que a escola exerce um papel fundamental na desconstrução de preconceitos linguísticos, promovendo uma educação que valorize as diferentes formas de falar e respeite as identidades culturais dos alunos. Para que a incorporação da variação linguística no contexto educacional brasileiro se concretize de forma plena, é fundamental que os professores recebam formação adequada que os capacite a abordar esse tema de maneira crítica e prática em sala de aula.

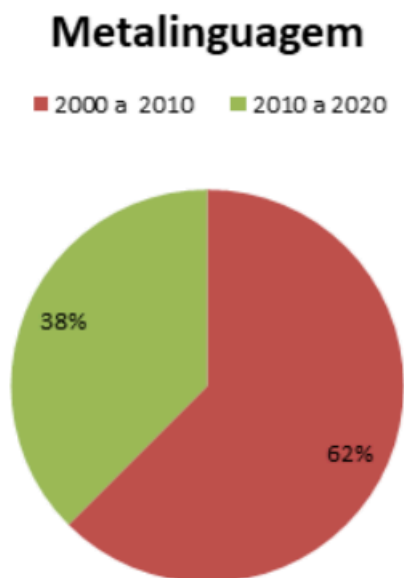
Também foi observado que os materiais didáticos tendem a reduzir a variação linguística a estereótipos, muitas vezes representada por personagens caricatos que retratam falas regionais. Essa abordagem superficial não incentiva uma reflexão mais aprofundada sobre a diversidade linguística que existe em diferentes contextos sociais.

Para que o ensino da variação linguística no Brasil seja realmente efetivo e respeitoso, é crucial um investimento constante na atualização da formação de professores e na revisão de materiais didáticos. Esse esforço conjunto precisa garantir que a abordagem da pluralidade linguística brasileira vá além de uma mera representação superficial, permeando todas as práticas pedagógicas com a seriedade e o respeito que o tema exige.

Em relação a parte analisada das décadas foi encontrado mais materiais de forma geral na primeira década abordada, de forma específica ambas as décadas tiveram poucos dados para ser explorado. As propostas e aplicações encontradas na década de 2000 a 2010, foram mais de formas citadas e pouco aplicada de fato, foi observado que há mais proposições acerca da temática. Já na década de 2010 a 2020, encontra-se muitas aplicações realizadas em sala de aula, principalmente em livros didáticos. Mesmo com tantas pesquisas existentes sobre o assunto, na atualidade, ainda são poucas as observações que abarcam a variação linguística.

Com base nas pesquisas, de forma qualitativa em relação à metalinguagem, à proposição e aplicação temos os seguintes dados:

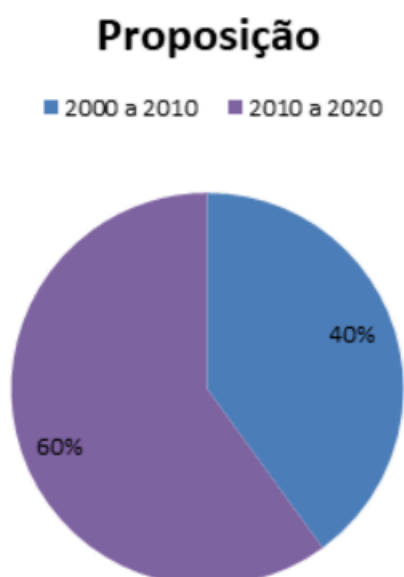
Figura 13 - Gráfico Metalinguagem



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Em relação à proposição no trabalho, temos os seguintes dados:

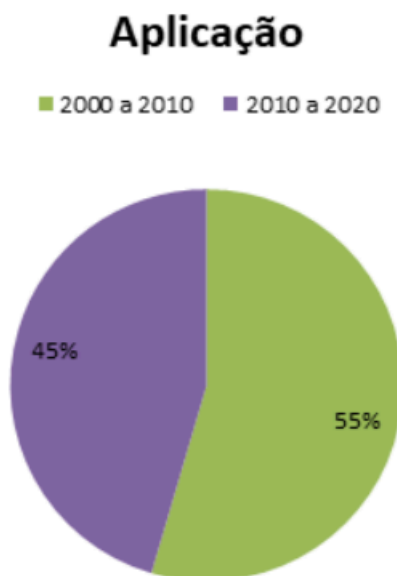
Figura 14 - Gráfico Proposição



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Por fim, com base nas aplicações por décadas, tem-se os seguintes dados:

Figura 15 - Gráfico Aplicação



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A partir do documento importado, vê-se que a maioria das pesquisas sobre variação é da década de 2000 a 2010. Dessa forma, a falta de materiais que abordam o tema na atualidade afeta as aplicações. Em relação à proposição, muito é proposto na década de 2010 a 2020, mas muito citado na primeira década estudada. Com a evolução das proposições, a segunda década tem destaque maior, pois há mais materiais obtidos na respectiva época. Já a metalinguagem durante as décadas, teve uma diminuição em relação às pesquisas.

Com a dificuldade para encontrar materiais que aplicam durante a década de 2000 a 2010, as citações aparecem mais na época. Há mais aplicações no segundo período estudado, pois encontra-se muitas aplicações em livros didáticos.

Após as pesquisas, tem-se a importância do ensino da variação linguística nas escolas como uma mudança contínua. Para que a diversidade linguística seja respeitada no ambiente escolar e fora dele, é necessário que os educadores deem espaço para os alunos entenderem as diferentes formas de fala e escrita, e espaço para não ficarem sendo corrigidos com “certo” e “errado”. O ensino da norma culta influencia bastante no ensino à variação, pois os livros didáticos e o ensino tradicional ainda são convencionais, restritos às regras gramaticais.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Susana Menezes. A variação linguística e o preconceito linguístico no ensino médio: relações de hierarquização pela linguagem em uma escola pública de Ceilândia - DF. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

BAGNO, M. Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, Marcos. Língua materna: letramento, variação e ensino. / Marcos Bagno, Gilles Gagné, Michael Stubbs. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística e educação. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; DETTONI, Rachel do Valle. Diversidades linguísticas e desigualdades sociais: aplicando a pedagogia culturalmente sensível. In: COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. (Orgs.). Cenas de sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. (Coleção Ideias sobre Linguagem).

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ensino Fundamental Anos Finais. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/7._Orienta%C3%A7%C3%B5es_aos_Conselhos.pdf. Acesso em: 22 jul. 2024.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2024.

BRASIL. Parâmetros curriculares Nacionais Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL/SEMTEC. PCN+ ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEMTEC, 2007.

CARDOSO, Milena Santos; SEMECHECHEM, Jakeline. A variação linguística na Base Nacional Comum Curricular: por uma pedagogia da variação linguística nos componentes de

língua portuguesa do ensino fundamental e médio. Revista Linguagem em Foco, v. 13, p. 179-201, 2020.

CUNHA, Lucia Aparecida Albuquerque. O trabalho com a variação linguística: uma proposta de sequência didática para o ensino médio. Revista Práticas de Linguagem, v. 2, n. 2, p. 1-16, 2012.

FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Org.) Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. P, 19-30.

FARACO, Carlos Alberto. Bases para uma pedagogia da variação linguística. Abralina ao vivo, apresentado por Raquel Freitag. [S. I.: n.], 2020. 1 vídeo (1h 09min 15seg). Publicado pelo canal Abralina ao vivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw>. Acesso em: 26 ago. 2024.

FARACO, Carlos Alberto. Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 23-107. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/376270434/norma-culta-brasileira-desatando-alguns-noacutes-carlos-alberto-faraco-pdf>. Acesso em: 5 ago. 2024.

FARACO, Carlos Alberto. O desafio da implementação de uma pedagogia da variação linguística no ensino de língua materna. Entrelinhas, v. 11, n. 1, p. 132-134, 2017. Entrevista realizada por Carolina Knack. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/entr.2017.11.09>. Acesso em: 10 ago. 2024.

LOPES, Maria Ailma Ferreira; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A importância da sociolinguística educacional: reflexões sobre o ensino de língua portuguesa. In: FESTIVAL LITERÁRIO E ARTÍSTICO DO SERTÃO DE PAULO AFONSO, 2018, Paulo Afonso. Anais [...]. Paulo Afonso: UniRios, 2018. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2018/a_importancia_da_sociolinguistica_educacional.pdf. Acesso em: 15 ago. 2024.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. In: _____. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 27-32.

MOLLICA, Maria Cecília. Fala, letramento e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Luís Carlos de; CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua. Soletras, n. 26, p. 76-90, 2013. DOI: 10.12957/soletras.2013.7392. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/7392>. Acesso em: 30 ago. 2024.

RODRIGUES, Ulisdete Rodrigues de Souza. Variação linguística e preconceito linguístico. In: DIAS, Juliana de Freitas (Org.). *Ler e (re)escrever textos na universidade: da prática teórica e do processo de aprendizagem-ensino*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. p. 173-206.

SILVA, Luandson Luis da. A sociolinguística educacional e o ensino da língua portuguesa de forma inclusiva. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO, 2021, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2021/TRABALHO_EV156_MD1_SA14_ID337_29092021165506.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SOUSA FILHO, Sinval Martins de; MOURA, Luana Medeiros de. Propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e de livros didáticos para o ensino da variação linguística no ensino fundamental anos finais. *Journal of Business and Technology*, v. 16, n. 2, p. 70-91, 2020. Disponível em: <https://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/viewFile/604/454>. Acesso em: 20 set. 2024.

VIGOTSKY, L. S. *Mind in society: the Development of Higher Psychological Process*. London: Harvard University Press, 1978.